

UCLA

Mester

Title

Poesia negra brasileira de autoria feminina: assentamentos de resistência

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw>

Journal

Mester, 50(0)

Author

Sales, Cristian Souza de

Publication Date

2021

DOI

10.5070/M350052281

Supplemental Material

<https://escholarship.org/uc/item/3dg801xw#supplemental>

Copyright Information

Copyright 2021 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

POESIA NEGRA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: ASSENTAMENTOS DE RESISTÊNCIA

Dra. Cristian Souza de Sales

Universidade do Estado da Bahia

POESIA NEGRA BRASILEIRA: TESSITURAS INICIAIS

[...] Nos anos de 1980... descobri que escritores negros tinham uma produção. Os anos de 1980 foram muito importantes na minha vida... Meu texto publicado no *Criação crioula, nu elefante branco* (1987) foi fruto de uma inquietação que eu tinha sobre as escritoras. **Eu perguntava: onde estão as escritoras? Eu sabia que existiam muitas, mas nós não víamos nas publicações** (Esmeralda Ribeiro, 2011, grifos meus).¹

Começamos esta reflexão com trechos de uma entrevista em que Esmeralda Ribeiro apresenta alguns apontamentos acerca do processo de afirmação e consolidação da literatura negra brasileira contemporânea a partir de 1978. Nesta linha de raciocínio, ancorada por várias recordações que revisitam os antecedentes desse movimento, a poeta negra brasileira narra a sua aproximação com o *Grupo Quilombhoje Literatura* (1980); as estratégias e as posturas ideológicas assumidas pelo coletivo literário – quanto ao resgate das raízes ancestrais negro-africanas e, por conseguinte, referente à produção literária de autoria negra no Brasil.²

Desse modo, cumpre assinalar que, nas formas de engajamento político e epistêmico, Esmeralda relembra os momentos decisivos para assegurar a existência de um movimento literário sob uma clave anticolonial e antirracista, cujas reflexões postulam contornos diversos e se expandiram durante o século XX. Assim, era necessário dar início a um movimento conjunto que adjudicasse o protagonismo ao escritor negro e escritora negra no Brasil.

Nesse debate epistêmico-político, Esmeralda rememora que, naquele contexto de uma intensa disputa de narrativa e desejo de insubordinação aos padrões artísticos vigentes, surgiram muitas obras de poetas, prosadores, pensadores, críticos e intelectuais, as quais interferiram fortemente na composição da historiografia, crítica e teoria literária latino-americana. É no âmbito dessa perspectiva que a literatura negra brasileira contemporânea investe na sua alforria como possibilidade de transgredir as normas impostas do cânone literário.

Quanto ao seu projeto estético, Esmeralda salienta que esse movimento literário negro brasileiro também denunciava as formas de racismo, de discriminação, de opressão, de marginalização, de injustiças sofridas pela população negra. Em uma perspectiva histórica atravessada pelo gênero e a raça, chama a atenção ao fato de que indaga a ausência/presença de mulheres negras na literatura: “Onde estão as escritoras?” Naquela época, as mulheres negras não tinham apenas uma importância simbólica, mas eram convocadas a fazer parte desse tipo de insurgência.

Posta a problemática, ao falar do começo de sua trajetória, Esmeralda Ribeiro descreve a luta pelo direito a voz, escuta e visibilidade dos textos literários de autoria negra e autoria negra feminina. Em paralelo, menciona que, no final dos anos oitenta, ocorreu em São Paulo, I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, organizado por jovens ativistas e militantes de movimentos sociais negros em que desdobramentos incluíram impactos na linguagem e na visão de mundo dos participantes.³

De modo multifacetado, fruto de anos de persistência no cenário cultural, o Evento Literário foi marcado pela descolonização do pensamento e trouxe à cena propostas originais de intervenção artística.

Não obstante, desejam provocar reflexões e produzindo práticas antirracistas revolucionárias. Assim, é graças a isso que, ao considerar outros instrumentos para superação aos modelos instituídos pelos chamados cânones nacionais, os autores, autoras e os demais organizadores/as apresentaram novas estratégias para intervir, rasurar e produzir, assim como fazer circular a escrita literária no Brasil.

A partir da discussão empreendida, podemos constatar que, diferentemente do isolamento e da dispersão que marcaram as gerações anteriores, em larga medida, no I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, ficou demonstrado que as gerações negras contemporâneas estabeleceram novas diretrizes e caminhos de insurgência literária. Nessa mirada, elas estavam empenhadas na criação de um espaço comum para pensar/refletir a experiência diaspórica através da aliança em torno de discussões sobre literatura e a questão racial; no processo de expansão da escrita de autoria negra em nível nacional; e, finalmente, na reescrita da história literária brasileira.

Posto isso, das rebeliões geradas desde os navios negreiros, e, posteriormente, operadas durante o contexto da escravidão colonial, dos sofrimentos e dos desejos de liberdade – Esmeralda Ribeiro considera que a literatura negra brasileira sofreu uma guinada extraordinária, pois, sendo herdeira de insurgências de seus/as antepassados/as, resgatou esse legado negro-africano para enfrentar os desafios do presente. Nessa configuração, intercambiando os seus dons e saberes diversos, a escritora acredita que essa literatura passou corporificar um movimento de resistência política e cultural frente aos cânones literário e historiográfico.

Como tal é uma prova, o Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros resultou na organização e publicação da coletânea de ensaios *Criação Crioula: nu elefante branco* em 1987.⁴ Em outros termos, os textos críticos problematizavam as esferas autorizadas (editores, mercado editorial e críticos literários tradicionais), assim como definiam escolhas enunciativas, narrativas e linguísticas audaciosas. Como eixos de ação, mais amplamente, atuando como críticos do processo de composição textual, as vozes de autores/as projetavam a sua própria experiência.

Em outras palavras, essa geração de escritores e escritoras começa a se comunicar a partir das décadas de 1960 e 1970, a se reunir, a compartilhar textos e, por consequência, estabelecer um novo canal de trocas para diálogos entre autoria negra e mercado editorial com publicações coletivas de antologias poéticas ou de contos, parcerias em peças de teatro e textos críticos. Ante tal situação, movimentaram uma agenda antirracista que desencadeou caminhos de uma insurgência política e epistêmica para atingir as esferas dominantes da sociedade brasileira e evidenciar todas as contradições.

Sobre esse ponto, a escritora negra brasileira Miriam Alves (2010) em “A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência” relembra particularmente que, na oportunidade desse encontro entre Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, demonstrou-se um período de efervescência experimentado pelos movimentos sociais negros espalhados por diversas cidades brasileiras. Em linhas gerais, eram coletivos que estavam interessados em colocar em pauta e consolidar um discurso anticolonial. Ao mesmo tempo, buscaram compartilhar reflexões, tensionamentos e intenções para desvelar “a colonialidade do poder, do saber, do ser” nos campos literário, crítico e historiográfico (Quijano, 2000; Maldonado-Torres, 2016).

Pensando na discussão acerca da autonomia, à época, essa ação política de sujeitos insurgentes, que assumiram a tarefa de potencializar uma literatura negra brasileira, contribuiu para revisitar a história literária nacional e, simultaneamente, questionar as suas lacunas/silenciamentos. Para estimular e propor novas dimensões estéticas e artísticas, esses escritores e escritoras fizeram emergir outros saberes, gêneros e estilos, cosmovisões e temáticas. Parafraseando Miriam Alves, abriram as trancas, furaram as cercas, pularam muros e invadiram o campo literário, “para ampliar o território da fala de homens e mulheres” (Alves 05).⁵

Em outro momento de emergência do discurso negro feminino, dessa vez, na coletânea *Criação Crioula*, Miriam Alves busca reafirmar a existência de uma produção poética antirracista e anti-patriarcal através da literatura negra brasileira, assim como procura evidenciar as lutas concretas contra o racismo estrutural no Brasil.

Ademais, ao defender a construção de um espaço que permitisse a inscrição de obras de autores negros e autoras negras, nos sistemas de legitimação que ainda limitam e regulam –, mas que, por outro lado, também tornam possíveis a produção e a circulação de vozes consideradas subalternas, a ensaísta argumenta:

[...] Ressalto nesta produção o ato político. Falo em atitude política não para designar passeatas de ficcionistas e poetas negros, exigindo seus direitos à publicação e circulação, exigindo a criação livre, permeada por sua vontade e inspiração, ou ainda exigindo reconhecimento dos órgãos públicos (secretaria disto ou daquilo), ou ainda reclamando suas entradas nos bares acadêmicos fechados (livrarias e editoras), onde somos literalmente barrados e discriminados por trás de discursos de má qualidade, sublitteratura e desinteresse dos leitores. Não é deste ato político, que não fizemos, que falo. Falo do ato político que praticamos, escrevendo-nos em nossa visão de mundo. [...] Nos tempos não tão idos assim, todos nós brasileiros criadores de artes éramos obrigados a esconder nossa criação na gaveta e nos tornarmos artistas gaveteiros, ou desengavetar e tornarmo-nos exilados. Neste tempo, a nossa produção de negros artistas engavetou-se. Mais tarde, desengavetou-se na forma de livrinhos mimeografados, distribuídos nos botecos da vida, onde a esquerda tramava a revolução cultural. Aí nossos livrinhos foram recusados várias vezes (a esquerda nos olhava com seus olhos canhestros) (84).

Para cumprir tal tarefa, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves confirmam que, nos anos oitenta, as poetisas negras brasileiras discutiram estratégias de enfrentamento ao cânone e ao mercado editorial. A partir dessas inquietações, argumentavam acerca da dimensão estética (o conteúdo e forma); aventaram os mecanismos de recepção dos textos de autoria negra; debateram como as mulheres negras eram representadas nos textos literários de autores brancos e autores negros; e, finalmente, refletiram a necessidade de fortalecer a presença da escrita feminina negra no cenário literário brasileiro.

De um *lôcus* de enunciação próprio, a literatura negra feminina contemporânea obteve maior audibilidade em termos coletivos a

partir da década de 1970. Isso ocorreu com a abertura política e as discussões estabelecidas em diversos âmbitos provocadas pelo surgimento da antologia literária *Cadernos Negros* (1978). Com as participações de Célia Aparecida Pereira e Ângela Lopes Galvão, na sua forma de lidar e capturar o mundo, os *Cadernos* transformaram-se em um veículo de divulgação/circulação da escrita negra brasileira. Dessa forma, converteram-se em um território para o aquilombamento de vozes-mulheres, assim como em um símbolo da resistência negra feminina ao colonialismo e patriarcado –, às formas de opressão racista e sexista reverberadas pelos cânones literário e historiográfico.⁶

Pensando nesses marcos, em *A escritora negra e seu ato de escrever participando* (1987), Esmeralda Ribeiro promoveu reflexões acerca da literatura negra feminina, apontando ferramentas de análise e/ou possibilidades teóricas de abordagens dos textos. Ao trazer essas inquietações, articula que se torna indispensável uma releitura da história da mulher negra no Brasil olhares atentos na busca de encontros em diáspora. No escrito em pauta, com as novas gerações de poetisas e escritoras negras brasileiras, era necessário estabelecer uma continuidade aos legados de Maria Firmina dos Reis (1825-1901); Auta de Souza (1876-1901); Antonieta de Barros (1901-1952); Ruth Guimarães (1920-2014); Laura Santos (1919-1981) e Nair Theodora de Araújo (1931-1984), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), entre outras vozes emudecidas.⁷

Em seu entendimento, analisando os textos das escritoras negras brasileiras Sônia Fátima da Conceição, Isabel Hirata, Terezinha Malaquias, Marise Tietra, Esmeralda investiu em temas como protagonismo, fazer literário e a produção de conhecimento da/e sobre as mulheres negras. Sob todos os seus modos, reescrever uma história literária brasileira não seria suficiente, porque era indispensável oferecer espaço a literatura negra feminina para explicitar experiências individuais e compartilhadas historicamente.

Diante desta compreensão: “Onde estão as escritoras?” As inquietações suscitadas por esta questão inicial foram acolhidas na série literária *Cadernos Negros*. Desse modo, a socióloga Sônia Fátima da Conceição foi a primeira a integrar o grupo de escritoras dos *Cadernos*

Negros em 1979. A jornalista Esmeralda Ribeiro começou a publicar suas produções a partir do volume 5. Por sua vez, Conceição Evaristo passou fazer parte da antologia no ano de 1990. Mas, esse movimento de insubmissão liderado por mulheres negras não parou apenas nessa coletânea literária. A assistente social Miriam Alves, além de publicar os seus primeiros textos na coleção, lançou duas antologias individuais: *Momentos de Busca* (1983) e *Estrelas no dedo* (1985).⁸

Desde os anos oitenta até 2021, entre poetas e prosadoras (contistas, romancistas e romancistas), cartografamos e registramos os seguintes nomes: Alzira Rufino; Ana Célia da Silva; Ângela Galvão; Ana Cruz; Andréia Souza Lisboa; Ana Fátima; Aline França; Aidil Araújo Lima; Alessandra Sampaio; Benedita de Lazari; Claudia Walleska; Débora Garcia; Dirce Prado; Célia Aparecida Pereira; Cidinha da Silva; Cristiane Sobral; Fátima Trinchão; Elizandra Sousa; Elisa Lucinda; Jenyffer Nascimento; Geni Mariano Guimarães; Iracema Régis; Marta André; Marise Tetra; Maria da Paixão; Mãe Beata de Yemanjá; Mãe Stella de Oxóssi; Mãe Valnázia de Aiyará; Lia Vieira; Regina Amaral; Roseli Nascimento; Ruth Souza Saleme; Serafina Machado; Sônia Fátima; Sueli Ribeiro; Selma Maria Silva; Teresinha Tadeu; Vera Lúcia; Ana Maria Gonçalves; Eliana Alves Cruz; Eliane Marques; Lílian Almeida; Lidiane Ferreira, Juliana Costa; Urânia Munzanzu; Valéria Lourenço; Jarid Arraes, Jovina Souza; Louise Queiroz, Tatiana Nascimento, Paula Melissa (Mel Adún), Ryane Leão, Rita Santana, Vânia Melo, entre outras.⁹

Diante desse amplo e incompleto quadro de referência, nesse texto, destacamos as poesias de Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Lívia Natália e Miriam Alves. Indo além, essas poetas negras demarcam uma posição de disputa epistemológica, teórica e crítica – localizam substância no compromisso de adensar uma compreensão acerca do processo de colonização com suas sequelas. Mais que isso, elas observam como a “colonialidade e o colonialismo” (Quijano, 2009) ultrapassam os âmbitos econômico, político e social, penetrando profundamente na subjetividade de mulheres afro-latino-americanas.¹⁰ Por isso, procuram dar “visibilidade às inquietações relegadas ao silêncio até então” (Alves 62). Elas plasmam “os assentamentos

de resistência em variadas expressões e experiências literárias” (Sales 2020).¹¹

Por força e comando
do ORIXÁ Maior
mudou-se o rumo dos ventos
desenharam-se nuvens no céu
E o mar foi colocado
em nossa direção.
(Conceição 69).

Fazendo um recorte em relação às autoras em estudo, as vozes de mulheres negras reunidas, estrategicamente, em todos os campos, lutam, resistem e se insurgem frente ao epistemicídio (Santos, 1995; Carneiro, 2005) e o racismo epistêmico (Grosfoguel, 2008/2016), impostos pela “colonialidade do poder, do saber e do ser” (Quijano, 2000; Maldonado-Torres, 2016). A partir desses aspectos, essas escritoras se rebelam contra as tentativas de aniquilação epistêmica e subjetiva: criativa, física, psíquica e ética. Por esse motivo, além de poetas, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Livia Natália e Miriam Alves atuam como romancistas, contistas, tradutoras, teóricas e críticas literárias e oferecem uma visão mais ampliada do ser/estar mulher e negra no mundo.

POESIA NEGRA FEMININA: UMA PRÁXIS DE RESISTÊNCIA

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.
[...]

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzalez,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
(Ribeiro 63-64, grifos meus).

De acordo com a ativista Miriam Alves (2010), a literatura negra feminina contemporânea desvela “as experiências com perfis, contornos e timbres específicos que tomam de assalto” os campos artístico, literário e crítico. Com esta ação, para ressurgir das cinzas da história, a escrita poética “institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero” e pela raça, grafando “uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher negra”.

Explicado de outra maneira, no poema “Ressurgir das cinzas”, Esmeralda Ribeiro aponta que a escrita negra feminina explora as múltiplas conexões entre a teoria e a prática para tecer outras narrativas diaspóricas sobre/para as mulheres negras.¹² Na primeira estrofe, os significados se entrecruzam e o sujeito literário se descreve como herdeira de uma linhagem de mulheres guerreiras, destemidas e inteligentes: “Sou forte, sou guerreira/Tenho nas veias sangue de ancestrais” (Ribeiro 63). Em outras ocorrências, evoca a ancestralidade que está na base da história e das culturas de raiz negro-africana. No respeito às suas descendentes e nas configurações de culto aos antepassados/as africanos/as.

Ao fazer isso, “no ritmo de um poema-canção”, contraindo um imaginário coletivo acerca de uma suposta submissão e passividade do(s) corpo(s) negro(s) feminino(s), a voz lírica evoca palavras de ordem para produção de outras insurgências e resistências contra dominação e a violência colonial como um manifesto à sua liberdade e exaltação a ancestralidade. Sendo assim, na criação e recriação, é por isso que reitera: “nunca me verás caída ao chão/ [...] Sou herança de tantas outras ancestrais” (63).

Acerca deste engajamento e práxis de resistência, do/no ato de escrever traduzido poeticamente como um ato político e ético, em

Ressurgir cinzas se entrecruzam fatos históricos e experiências estéticas: “[...] Mesmo que haja versos assimétricos/ Mesmo que rabisquem, às vezes /A poesia do meu ser” (63). Nele, ao construir uma linhagem ancestral feminina, a voz poética vai muito além do sentido restrito conferido aos signos: reescreve as histórias de luta e resistência de suas antepassadas para resgatar a dignidade, o respeito e a humanidade.

Por versos assimétricos e rabiscados na historiografia, entre as citadas, Luiza Mahin é a mais velha. Tendo vivido no século XIX, a quituteira Mahin ficou conhecida como a líder da Revolta dos Malês (1835).¹³ Nos fios da memória, esse movimento de insurgência negro-africana se caracterizou por ter reunido participantes de vários grupos étnicos. Acrescido a isso, Luiza Mahin é a mãe do poeta Luiz Gama e um símbolo da mulher africana e negra que participou ativamente de levantes e insurreições no período da escravidão colonial no Brasil. Apesar de terem sido esquecidas por uma historiografia oficial latino-americana, essas narrativas são restauradas também pela poesia “Mahin Amanhã” de Miriam Alves:

Ouve-se nos cantos a conspiração
 vozes baixas sussurram frases precisas
 escorre nos becos a lâmina das adagas
 Multidão tropeça nas pedras
 Revolta
 [...]
 A cidade toda se prepara
 Malês
 bantus
 geges
 nagôs
 vestes coloridas resguardam esperanças
 aguardam a luta
 Arma-se a grande derrubada branca
 a luta é tramada na língua dos Orixás
 é aminhã, aminhã”
 sussuram
 Malês
 bantus

geges
 nagôs
 “é aminhã, Luiza Mahin falô”.
 (Alves 104)

No diálogo entre “Ressurgir das cinzas” e “**Mahin Amanhã**”, as poetas negras brasileiras investem no assentamento de histórias de suas antepassadas africanas e negras, assim como enfatizam que a literatura é uma das principais ferramentas para resgatar, transmitir, preservar essas narrativas e saberes ancestrais: “escorre nos becos a lâmina das adagas”. Nesse processo de olhar o passado, elas incluem a diversidade de etnias, culturas e identidades africanas: “Malês, Bantus, geges e nagôs” (104). Por outro lado, destacam nomes de heroínas e guerreiras cimarronas (quilombolas) ignoradas pela historiografia latino-americana: Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Tereza de Benguela, Aqaltune, Maria Felipa, Zeferina, entre outras.

Ao criar esse artifício narrativo, as vozes vão tecendo uma escrita poética **que restitui a humanidade violada pela** dominação colonial e **restabelece o protagonismo de existências silenciadas**: “Ouve-se nos cantos a conspiração “[...] aguardam a luta. Arma-se a grande derrubada branca” (Alves 104). Sendo assim, conseguem reverter às imagens de mulheres africanas e negras como “selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas e o estereótipo da mãe preta” (Hooks 469).

Dessa maneira, evidenciam que o colonialismo foi mais do que um regime de exploração econômica e relações de poder, disseminando representações desumanizadoras que interferiram na subjetividade de sujeitos afrodescendentes e incutiram na consciência de todos a ideia de que “as negras eram só corpo sem mente”. (Hooks 469). A criação literária se empenha em destacar um corpo negro feminino que lutou por sua liberdade e emancipação: “[...] vozes baixas sussurram frases precisas”: “[...] É aminhã, aminhã”. “aminhã, Luiza Mahin falô” (Alves 104).

De tal modo, tramadas na língua dos orixás e dos ancestrais, as escritas poéticas da diáspora conspiram e se levantam contra o

silenciamento e apagamento de registros históricos com outros sentidos por “vestes coloridas” que “resguardam esperanças”. Nessa chave de referência, recordam o sequestro de suas antepassadas, a travessia forçada, a chegada a um mundo desconhecido, sendo obrigadas a ausência de um lar, em um primeiro momento; e, em seguida, a necessidade de reconstruírem um ambiente para sobreviver, acompanhadas de um constante desejo de liberdade e retorno aos laços familiares.

No regresso ao poema “Ressurgir das cinzas”, a voz lírica também constitui uma genealogia literária com as escritoras Maria Firmina dos Reis e Carolina de Jesus, elegendo-as como suas antecessoras. Maria Firmina dos Reis é a primeira mulher e mulher afrodescendente a publicar sua obra no Brasil.¹⁴ Tendo vivido no Maranhão, no século XIX, Firmina atuou como professora, escritora e jornalista em um período em que o escravismo colonial era reconhecido por lei. Quanto às suas publicações, temos conhecimento das seguintes obras da autora: *Úrsula* (1859) considerado o primeiro romance abolicionista de que se tem conhecimento na literatura brasileira, o qual tematizou a escravização colonial; conto indianista *Gupeva* (1861); o conto *A escrava* (1887); e um livro de poemas denominado de *Cantos a beira-mar* (1871), entre outras.

Dentre outras referências da historiografia literária, a voz poética relembra a trajetória de vida e o legado literário deixado por Carolina Maria de Jesus. De modo sucinto, nascida em 1914, na cidade de Sacramento (MG), tendo falecido em 1977, Carolina foi uma escritora e prosadora negra brasileira, moradora de uma favela que teve sua primeira obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) traduzida para diversas línguas. De um modo geral, entre os livros publicados dessa autora brasileira contemporânea, destacam-se as seguintes produções: *Casa de Alvenaria* (1961), *Diário de Bitita* (1982, publicação póstuma); *Pedaços de Fome* (1963); *Provérbios* (1963); *Um Brasil para os brasileiros*; *Meu estranho diário* (1996), entre outras.¹⁵

Finalizando essa linhagem ancestral composta por quatro mulheres negras lembradas pelo sujeito lírico coletivo, temos Lélia González, uma importante referência para o Movimento Negro brasileiro e

Movimento Feminista afro-latino-americano. Intelectual, professora, feminista e antropóloga brasileira, nascida em Minas Gerais e uma das mais importantes vozes do movimento feminista brasileiro, entre a produção de conhecimento de Lélia González, constam contribuições teóricas, críticas em ensaios, artigos e a publicação dos livros *Lugar de Negro* (1982) e *Festas Populares no Brasil* (1987); além disso, intervenções públicas com participações em eventos nacionais e internacionais para debater temáticas variadas: negritude, raça, gênero, classe e feminismo negro, entre outros.

De maneira um tanto peculiar, Conceição Evaristo assevera em “África: âncora dos navios de nossa memória” que as poetisas negras brasileiras abundam os seus escritos de elementos simbólicos em que o eu-lírico retoma a memória da experiência dolorosa de suas antepassadas/os africanos/as (160). Do mesmo modo, suas inspirações embarcam nas águas da reminiscência para “içar velas mar adentro, retomar o caminho” para buscar “a história emaranhada em direção à volta”. É por esse viés que o navio negreiro se torna um “signo comum de ruptura, para os povos da diáspora africana, que marca o início da história dramática dos povos descendentes de africanos” nas Américas e Caribe (160). Por outro lado, faz recordar trajetórias de mulheres insurgentes.

Em outras palavras, explorando e redimensionando criativamente, a linguagem poética de autoria negra se configura por ter um caráter plurissignificativo para harmonizar a arte da escrita feminina contemporânea e o conhecimento de mundo. Diante disso, identificamos algumas questões que fazem parte do modo como às poetisas negras constroem os seus versos: relações entre as poesias, a partir do sujeito lírico, com o momento histórico e cultural em que suas palavras se inserem. Articulando o passado e presente, a ancestralidade atua como uma categoria fundamental para esse sistema de pensamento. Em suas várias dimensões nesse horizonte e, para não se perder de vista os legados, nós ouvimos os batuques longínquos.

Meu Rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
[...]
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Evaristo 16).

Ao preencherem espaços ficcionais, Evaristo evidencia que, ao atravessar tantas águas, “ao lado da memória dolorida”, escritoras negras incorporam aos campos literário e historiográfico latino-americano – narrativas de corpos de homens e mulheres que foram jogados ao mar – “corpos se jogaram no mar, o mar guardando corpos”. Igualmente, fornecem subsídios para uma reflexão crítica sobre o Mar como “espaço de morte e de ressurreição”. Mar de corpos esquecidos, e também corpos insurgentes que trouxeram seus deuses/deusas, cosmovisões, crenças e saberes no Ori (cabeça) (“África” 162). Com essa metáfora do rosário, o eu-poético se propõe a recontar as histórias de povos que foram arrancados de suas terras e comunidades.

Da âncora dos navios, as obras literárias de autoria negra feminina produzem uma sintaxe afro-atlântica que realça significados em termos linguísticos e atualizam discursos históricos. Como resultado, converte-se em uma gramática afrodiaspórica que resguarda acontecimentos a despeito das lembranças amargas e tristes. Colocados em versos à arte de navegar e rezar num rosário de “padres-nossos, ave-marias” como um gesto de insurgência. Esse rosário descortina aos olhos do mundo as feridas abertas pelo colonialismo e a colonialidade: “[...] e encontro na memória mal-adormecida/ As contas do meu rosário são contas vivas” das águas de mamãe Oxum que estancam os sangramentos coloniais (Evaristo 16).

Da extração de sentidos, entre as palavras que vão sendo escolhidas “de contas negras e mágicas”, notamos construções poéticas que

se constituem em um enorme contributo para a compreensão da experiência colonial: “ouço a minha voz-banzo lançar âncora no Mar de corpos esquecidos.../ voz-âncora e banzo, dos navios da memória ancestral”. Ademais, a poesia negra feminina é uma fonte simbólica para uma ancestralidade comum: “do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo” (Evaristo 16). Desta feita, transforma-se em um tambor onde toca as recordações doloridas e expressões espirituais que interligam histórias.

Nos poemas de Conceição, a partir da enunciação carregada de referências ancestrais, a voz literária herda a audácia para promover uma revolução e se rebelar política e esteticamente. No plano imagético-simbólico, são versos livres que dão a poeta mais liberdade para assinalar uma sensibilidade lírica negra brasileira. Diante disso, é preciso mencionar a complexidade dos versos nas formas de expressão e força de radicalidade, uma vez que a travessia pelo Atlântico negro se faz em estado de banzo através de um jogo de palavras.¹⁶ Em grande parte de seus escritos, também se dilui as fronteiras entre o gênero lírico e a prosa.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
 âncora dos navios de nossa memória.
 E acredito, acredito sim
 que os nossos sonhos protegidos
 pelos lençóis da noite
 ao se abrirem um a um
 (Evaristo 13, grifos meus).

Num sentido mais amplo, ao pronunciar caminhos que interveham na composição da historiografia e história da literatura latino-americana, Evaristo assume que as suas narrativas e poéticas negras emergem das lutas históricas empreendidas por mulheres africanas e suas descendentes. Dessa maneira, para desdobrar essas camadas, no exercício de transmitir as histórias e legados ancestrais, as poesias encantam por sua configuração, plasticidade e conteúdo: “eu canto

Mamãe Oxum”. Um canto doce das nascentes onde brota toda água de cura: de rios, lagos, mares, represas etc. Das águas nas intensas zonas abissais e fontes de derivações líricas:

no varal de um novo tempo
 escorrem as nossas lágrimas
 fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
 reamanhecendo esperanças em nós.
 (Evaristo 13, grifos meus).

Dentre os muitos arquétipos, Oxum é um orixá feminino da cultura negro-africana que simboliza aquela que reina sobre as águas dos rios, a fertilidade, o amor, a maternidade, o poder feminino, a insubmissão feminina. Em virtude disso, no momento em que dedica as orações de “padres-nossos” e “ave-marias” a “Mamãe Oxum”, o eu-lírico faz referência ao sincretismo religioso. Em seguida, “no vaivém nas águas-lembranças”, nessa escrita em estado de banzo (o banzo que acomete aqueles que se sentem distantes da Mãe-África) – dos versos escorrem as lágrimas extraídas dos oceanos e das águas doces, fecundando os sentidos, marejando olhos que fecundam expressões, o eu-lírico feminino também fala de si mesma.

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos.
 A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso.
 O movimento de vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente naufraga.
 (Evaristo 9, grifos meus).

Com base nessas preocupações e propostas, as escrituras de Conceição partem da memória ancestral “onde negras sementes resistem / reamanhecendo esperanças em nós”. Dito de outro modo, formulando uma espécie de saber epistêmico e crítico, essa memória afro-atlântica

resgata uma memória coletiva de povos colonizados – uma memória ancestral que se manifesta na enunciação feminina. Tendo em vista tais pensamentos, em sentido estrito, as mulheres afrodescendentes em diáspora são escolhidas como portadoras e agentes de preservação da “memória bravia”. Todo movimento, cor, temperatura, transparência. Quer dizer: “os fundos oceanos não me amedrontam nem me imobilizam/ Dos meus marejados olhos transborda-me a vida / Sou eternamente naufraga/ [...] Sei que o mistério subsiste além das águas” (Evaristo 9).

Nas palavras de Eduardo Oliveira “a história dos ancestrais africanos permanece inscrita” e escrita nos “corpos dos afrodescendentes” (60). Por isso, é preciso ler o texto do corpo e no corpo do texto para vislumbrar “a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados no planeta”. Segundo o autor, a “ancestralidade é um modo de interpretar, produzir a realidade”, dobrando-se e redobrando-se na direção do Mar Atlântico (Oliveira 145). Nesse mar que vagueia onduloso, “queremos saber não dos mortos, mas, dos vivos, dos mistérios” (Evaristo 2016).¹⁷ Em alto-mar, os mistérios deixam rastros de que somos tecidas pelo barro e pelas águas onde estão assentadas as memórias afrodiaspóricas:

Mas os fundos oceanos não me amedrontam nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas

(Evaristo 9, grifos meus).

No campo da imaginação política radical, do movimento marítimo, onde pela firmeza se condensa e se aportam às memórias “dos fundos oceanos”, estão às pegadas e conchas abertas/ repartidas para lembrar as nossas raízes negro-africanas (9). Partindo da profundidade de linhagens ancestrais, fluindo e refluindo saberes e vozes, a ancestralidade assenta, borda e verte a existência de mulheres negras:

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 (Evaristo 10).

Recordar é preciso. Vale ressaltar que, na trama poética de Conceição, as experiências nascidas nos territórios africanos reaparecem como heranças compartilhadas entre mulheres de gerações diferentes, ecoando um sentimento de pertencimento étnico. Nesse caso, essa “memória bravia” lança o seu leme para redirecionar as lembranças traumáticas e, assim, projetando-se mar adentro, temos “uma memória de feridas cicatrizadas”. Dentro dessa narrativa, podemos dizer que, entre cinzas, feridas e cicatrizes, entre metáforas e sonoridades, resgatamos tradições, modos de sociabilidade, religiosidades, ações políticas e produção de saberes (Evaristo 162).

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 (Evaristo 10).

Por essa razão, o sujeito lírico exprime que a ancestralidade negro-africana se materializa em quatro figuras femininas: a bisavó, a avó, a filha e a mãe. Recolhendo todas as vozes, a ancestralidade é uma característica unificadora de uma linhagem “matripotente”. Em face do exposto, as mulheres constituem uma comunidade pautada historicamente na “matripotência” (Oyáwùmí 60). No cerne dessa discussão,

Oyèrónkò Oyùwùmí, pensadora nigeriana, afirma que a matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. Segundo a autora, a Ìyá será o princípio criador, afinal, todo humano tem uma Ìya, todos nós nascemos de uma Ìya.¹⁸

Por conta disso, o discurso poético concebe o feminino ancestral com delicadeza e fundamento. Além disso, marcado por alternâncias no ritmo, esse feminino se expressa através de resistência, (r)existência e insurgências em diferentes temporalidades. Nas poesias de Evaristo, essa perpetuação de uma crença ancestral, de troca de saberes, de reverência à ancestralidade feminina negro-africana, converte-se em um dos traços característicos e basilares. Diante do exposto, a autora inventa um efeito estético que se harmoniza ao lado da memória dolorida, evidenciando, assim que, entre vozes silenciadas, o olhar literário cultiva heranças e legados. Em seus escritos, as Ìyá desempenham papéis e funções espirituais de caminho:

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (Evaristo 10-11).

Sendo assim, e para além da discussão sobre resistência, no ritual da reza, canto e dança, Evaristo sustenta a brandura nos versos de

maneira a ser coerente com a delicadeza da memória do eu-lírico. Considerando a atualidade, em invés de silenciar sobre as diversas formas de violências a que foram/são submetidas cotidianamente, a voz poética se assenta na ancestralidade negro-africana para reverter o mito de que as mulheres afrodescendentes são criadas para as funções domésticas e servir aos homens brancos: “[...] nos porões do navio.../ ecoou obediência/ no fundo das cozinhas alheias /ecoar versos perplexos/com rimas de sangue/ [...] se fará ouvir a ressonância”. (Evaristo 10-11).

De maneiras diversas, com versos perplexos de “rimas de sangue”, a fala e o ato manifestam-se “o eco da vida-liberdade”. Nesse contexto, é preciso repetir que Evaristo mantém viva a memória ancestral numa constante busca de suas origens que permitem entender melhor o presente. Nessa compreensão, as mulheres africanas e negras não desempenham papéis ligados à subordinação ou fragilidade, desmistificando os estereótipos que não condizem com uma autoimagem, reagindo contra a injustiça e a desigualdade. As memórias da poetisa são escritas de modo a combater toda uma série de possíveis preconceitos: “[...] recolhe em si/ as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas”. (10-11).

Seguindo a linhagem do eu-poético, poderíamos traçar um paralelo entre o processo de seleção de memórias afetivas e a organização de um álbum de fotografia. Na voz da filha, toda uma geração deposita sua expectativa de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir do que viemos discutindo, conhecemos os desejos, aprendemos a esperança e as formas de sobrevivência diaspórica nas vozes femininas de “ontem – hoje – agora”. Dessa maneira, ao atravessar tantas águas, recolhem-se todas as nossas vozes: “recolhe em si as /vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas” (Evaristo 10).

Como podemos notar, a partir desta perspectiva apresentada por Esmeralda, Miriam e Evaristo, a escritora baiana Livia Natália reitera que, mencionar a força de mulheres africanas e negras, reunir todo o sofrimento de suas antepassadas, torna-se uma forma de resgate ancestral para a continuidade e o fortalecimento das lutas contemporâneas. Como alusão a isso, o sujeito poético feminino faz o

reconhecimento concreto e assertivo de que a “lembrança do negreiro nos persegue” (Evaristo 163). Desde um ponto de vista posicionado e implicado como mulher negra, suas poesias que se constituem instrumentos para lutar, resistir e realizar questionamentos:

Não há portas que calem este meu voar
 Meu corpo é todo périplo,
 é Atlântico,
 se mergulha nas sendas dos ventos
 que cantam numa língua esquecida
 [...]
 Não há receio no escuro do meu dorso
 e o meu olhar se trança no vazio
 das ondas onde o mar se despedaça.
 Houve um porto triste
uma África de nunca mais.
 Houve a lâmina dos navios sangrando os mares.
Asas-irmãs se espetam nas nuvens
Eu lhes aprendo o vôo
 pois que a palavra é nosso fundo
e único mistério partilhado.
 (Souza 76-77, grifos meus).

Nos escritos de Livia Natália, a voz lírica feminina “mergulha nas sendas dos ventos” para pronunciar os saberes ancestrais em uma “língua esquecida”. De modo muito semelhante, das ondas onde o mar se despedaça, aprende-se a luta, a rebeldia e a resistência feminina. A esse respeito, em diálogo com suas antecessoras literárias, reitera: “eu lhes aprendo o vôo.../ Eu lhes aprendo o canto e o grito em busca da tão sonhada liberdade”. Na extensão da poesia, a voz lírica incorpora os versos feitos de águas-lembranças constituídas de gerações e gerações de mulheres por meio da fala, do ato e da escuta atenta: “[...] Não há portas que calem este meu voar... [...] Para sempre serei pássaro: para isso nasci... e minhas asas cortam o silêncio com sua faca macia” (Souza 76-77).

No poema “Alvorada Negra” ao longo de uma construção textual tecida em bando e olhares trançados, não há somente dores e

sofrimentos. Mais que isso, dançando e cantando com os orixás e os ancestrais, há alegria nesse voar em grupo para mirar o futuro sem perder a conexão com o seu passado. Em um misto de zelo, cuidado e proteção, asas-irmãs se espetam nas nuvens para compartilhar os mistérios das palavras. Nessa perspectiva, ao dirigir um olhar sobre narrativas de outras mulheres negras, a voz lírica se orgulha ao voar em bando: “[...] Não há receio no escuro do meu dorso/ [...] pois que a palavra é nosso fundo/ e único mistério partilhado”(76).

No poema ora em discussão, temos um fazer literário marcado por mulheres que assentam os saberes ancestrais e, ao mesmo tempo, tecem experiências individuais e coletivas para solapar corporeidades e negritudes. Mulheres que herdam as forças vitais dos povos negros da diáspora, bem como os ensinamentos dos povos de terreiro.¹⁹ De posse de práticas culturais negro-africanas, em rituais e rezas, provocam, interferem, fraturam e fragilizam saberes eurocentrados. À vista disto, Ser mulher-pássaro... Ser mulher-peixe... Ser Mulher-Rio em correnteza-memória. Ser uma poetisa negra brasileira para abrir caminho no fluxo das coisas: “É Atlântico!” (76-77).

Em outra compreensão, na poesia *Ori*, Livia Natália confirma que as mulheres negras são portadoras de saberes negro-africanos: [...] dentro da água há um espaço sempre preenchido /onde dança uma mulher castanha e bela/ uma luz dourada emana de seus limites. (Souza 29). Diante destas condições, esses saberes se manifestam nas formas de sentir, viver e escrever em diáspora. Ao som de águas sagradas de Oxum, a voz literária nos convida a sentir o mundo em outra dimensão. Se assim for, nas formações discursivas expressas nas poesias de LN, a ancestralidade é vivida e experimentada desde a matéria do corpo até os enunciados poéticos.

Nas escritas da negrura de Livia Natália, vislumbramos o poder das mulheres em todos os ciclos de evolução, a capacidade de acolhimento e gestação. Ao mesmo tempo, *sacralizamos* a conexão feminina com a potencialidade de *forças cósmicas*, *porque* há um Rio que tem o seu nome e deságua “no fundo calmo” (29). Entre correntezas de conchas, búzios e liturgias, as poesias de mulheres negras também dançam com o sopro dos ventos e resplandecem os saberes ancestrais

femininos em passos miúdos. Nesse sentido, do encontro entre marés e oceanos, transbordam as águas de uma “poesia negra de abébé nas mãos” (Sales 2018):

Abébé

Translúcida,
a Água dissimula no fundo calmo
a dobra de seu mistério.
(Souza 49, grifos meus).

De forma singular, vozes negras femininas encadeiam e desencadeiam uma rede de significações que nos conecta e reconecta a uma memória ancestral em diáspora. Diante disso, em um duplo movimento, saberes ancestrais femininos ganham potência e convertem-se em “assentamentos de resistência” (Sales 2020). Nesse caso, existe uma poética que retoma uma memória coletiva, um sentimento de pertença inevitável que emerge das águas-recordações de mulheres que vieram antes. No abébé, espelho e leque, as forças (in)visíveis, espelham alegrias, lágrimas, conquistas, anseios, desejos, valores, dores e crenças de várias gerações.

Para estabelecer paralelos, no fim das contas negras, as ausências também são “mnemografias” que formam as memórias do eu lírico: “[...] Somos parco resquícius de alegria e dor/ algo que se arrasta na poeira das ausências” de suas ancestrais. Por essa razão, as “estrelas” não apenas são “memórias de luz”. Essas memórias-ausências simulam no “céu negro” uma alegria possível na prosa poética constituída por uma semântica afrodiáspórica: “fresta da festa finda” (Souza 27). Dentro desse processo, confirma-se uma práxis de resistência e de transgressão feminina, atuando contra a subalternização imposta pelos cânones literário e historiográfico.

Em decorrência disso, “na poeira das ausências”, as metáforas presentes nos seus versos revisam o passado colonial, evidenciando a experiência das mulheres africanas e negras que, ao mesmo tempo, sofreram, lutaram e resistiram: “[...] Houve um porto triste / Houve a lâmina dos navios sangrando os mares” (Souza 76). Dos fluxos e

contrafluxos intercambiam as forças ancestrais, entregam um novo enfoque à sua própria imagem e reafirmam o ato de falar para romper o silenciamento. Dessa vertente estética, autoras negras brasileiras contemporâneas reescrevem as histórias e os legados de luta e resistência de suas antepassadas (27).

POESIA NEGRA FEMININA: TESSITURAS FINAIS

Então todos os rios fizeram a mesma rota
E encaminharam suas águas para o mar, o ocum.
Olocum fez corretamente o sacrifício.
Olocum é a rainha de todas as águas.²⁰

Conforme o exposto, apoiadas umas nas outras, voando em bando como “asas-irmãs”, nas escritas de Esmeralda, Miriam, Evaristo e Lívia Natália inscrevem-se vivências diaspóricas e outros dizeres poéticos (Souza 65). Em decorrência disso, dobrando em vários rios e mares, são vozes que, em forma de canto, exaltam saberes ancestrais. Assim, as escritoras assentam um caminho narrativo e revolucionário –, num diálogo que não cessa, e que se enreda nas tramas das memórias afro-atlânticas.

Em virtude de tais condições, Esmeralda, Miriam, Evaristo e Lívia Natália professam a fé nos orixás e compartilham as nuances da condição humana e espiritual enquanto mulheres afrodiaspóricas.²¹ Voando em bando, escrevem sobre a condição feminina, mostram as suas oposições políticas e insurgências epistêmicas. Por meio da literatura, inspiram outros levantes poéticos e assentamentos de resistência. A partir dessa constatação, elas buscam fazer emergir vozes de mulheres negras soterradas, tanto no poema quanto no campo literário e editorial.

Diante disso, em se tratando de quatro poetisas e pensadoras negras brasileiras, suas escritas firmam um contradiscurso à história oficial nas Américas, ao apontar as contradições e silenciamentos das vozes despedidas de poder. Por conta disso, Esmeralda, Miriam, Evaristo e

Lívia Natália exaltam o papel desempenhado por mulheres africanas e negras –, de guerreiras quilombolas/cimarronas na historiografia, destacando a figura da mulher como “força-motriz” e “força-matriz” de sua trajetória na diáspora, rompendo com a visão eurocêntrica. (Evaristo 18).

As poesias de Esmeralda, Miriam, Evaristo e Lívia são feitas de águas transatlânticas que criam correntezas nas fendas do pensamento ocidental e racionalizante, assentando saberes silenciados historicamente. Constatamos, então, que “a lembrança do negreiro nos persegue” (Evaristo 163), mas não amarra as narrativas. Por esse motivo, águas de variadas temperaturas que reviram tudo: passado, presente e futuro numa dimensão de tempo não linear: ora são águas calmas e pacientes... Ora são torrentes oceânicas insurgentes. Nesse território, com as bênçãos dos orixás das águas salgada e doce, Oxum e Iemanjá, os escritos traçam diálogos entre múltiplas temporalidades e encruzilham saberes, tramando encontros entre gerações de mulheres, escritoras, feministas e intelectuais negras diaspóricas.

Por meio de seus pontos de vista – assinalados, como não poderia deixar de ser, pela experiência e vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira – essas escritoras interferem na estrutura da historiografia, crítica e teoria literária latino-americana, combatendo o aniquilamento de saberes ancestrais e o apagamento de memórias afro-atlânticas.

Por outro lado, ao ecoarem desobediência ao cânone literário e historiográfico, às vezes, as vozes poéticas estão carregadas de memórias traumáticas (sofrimento, dor, revolta). Todavia, essas cicatrizes coloniais não repercutem somente “lamentos” e reencenam os abusos e as violências. Nesse sentido, as memórias e cicatrizes ressoam “ecos da vida-liberdade”, assim como simbolizam uma história coletiva e praticam nas frestas a invenção de um mundo novo (Evaristo 10).

Construindo um horizonte de intervenção, no jogo de forças do passado e presente, no tempo e nas recordações, resgatando vozes, corpos e estratégias de insurgência, nas urdiduras das tramas poéticas de autoria feminina –, nas suas dimensões criativas, éticas e estéticas, deslocam perspectivas históricas e entrelaçam fios da reminiscência

na construção de uma episteme afrodiaspórica. Por outro lado, os saberes se cruzam e marcam/assentam novos caminhos na/da produção literária negra brasileira, literatura afro-brasileira/literatura afro-latina.

- 1 Entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, volume 4, história, teoria e polêmica. Orgs. Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Fonseca. Belo Horizonte: UFMG, p. 86-93. O encontro ocorreu nos dias 6, 7 e 8 de setembro de 1985, na Faculdade do Ipiranga, na capital paulista. PRIMEIRO Encontro de Ficcionistas e Poetas Negros (org). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987.
- 2 O Grupo Quilombhoje foi criado para organizar e cuidar da série literária *Cadernos Negros* (1978).
- 3 Aos poucos, “vencendo o isolamento e o caráter etnocêntrico da indústria cultural brasileira”, traduzido em “bloqueio editorial”, foram realizados três Encontros: 1985, 1986 e 1987 (Alves 56).
- 4 Além do ensaio de Esmeralda Ribeiro, nessa antologia, constam as reflexões dos seguintes autores e autoras: Hermógenes Almeida S. Filho, Marise Tietra, Ramatis Jacino, Deley de Acari, J. Abílio Ferreira, Ari Cândido Fernandes, Miriam Alves, Oliveira Silveira, Arnaldo Xavier, Jônatas C. da Silva, Estevão Maya-Maya, Zenaide, Márcio Barbosa, Kilamba, Roseli Nascimento, Oubi Inaê Kibuko, Éle Semog, José Luanga Barbosa, Luis Silva (Cuti). Os textos reunidos abordam questões sobre a escrita e literatura de autoria negra e/ou temas considerados relevantes: negritude, raça, racismo, movimento negro, mercado editorial etc.
- 5 Ver reflexão completa em Disponível em <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/280>. Nesse texto, Miriam Alves reflete acerca da produção de autoria negra feminina no Brasil, afirmando que essa escrita institui uma reflexão a partir da experiência de um ser e estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero e pela raça.
- 6 Os Cadernos Negros surgiram em 1978, em São Paulo, publicado em formato de bolso com 52 páginas e foram organizados por oito poetisas: Henrique Cunha Jr., Angela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Hugo Ferreira, Celinha, Jamu Minka, Oswaldo de Camargo e Luiz Silva (Cuti). Até o momento, de autoria variada, possui quarenta e quatro volumes, com escritores e escritoras oriundos dos diversos estados brasileiros. Os números ímpares são dedicados aos poemas e os números pares, aos contos. Disponível em <https://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm/> Último acesso em 16 de janeiro. 2021.

- 7 Ver o texto *Da persistência de um esquecimento*. Disponível em <https://correionago.com.br/da-persistencia-de-um-esquecimento-a-resistencia-de-nossa-escrita/> Último acesso em 16 de janeiro de 2021 .
- 8 No atual contexto, escritoras negras brasileiras não publicam apenas nos Cadernos Negros. Elas fazem circular seus textos através de editoras e antologias diversas, blogs, redes sociais etc. Miriam Alves também lançou, em parceria com Carolyn Richardson Durham, a antologia bilingue *Finally, Us! Finally Us: Contemporary Black Brazilian Women Writers* (1995).
- 9 O surgimento de escritoras negras vem empreendendo, dinamicamente, diversas estratégias de luta e resistência a favor da população negra e LGBTQ+. Grande parte dessa produção feminina se expressa por meio da poesia.
- 10 Nesta ocasião proponho uma reflexão ancorada na perspectiva decolonial desenvolvida por Anibal Quijano. Do ponto de vista dessa perspectiva, tratamos aqui da dominação, da exploração e das relações de poder impostas que afetaram/afetam os povos colonizados. Referimos as formas de violência utilizamos para apagar/silenciar os saberes produzidos pelos afrodescendentes (homens e mulheres).
- 11 Na tese intitulada *Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas* (2020), buscamos tornar operatório o conceito de assentamento para ler, interpretar e traduzir a produção epistêmica de mulheres negras em diáspora. Os assentamentos de resistência estão fortemente ligados à ancestralidade negro-africana e as histórias e os legados de resistência de las ancestras, porque desarquivam saberes ancestrais silenciados pela memória oficial.
- 12 O poema é constituído na íntegra por seis estrofes, sendo todas elas finalizadas pelo refrão: “nunca me verás caída ao chão”.
- 13 A Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador, capital da Bahia, que aconteceu na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835, foi o maior levante de escravizados da história do Brasil. Ver REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês* (1835). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 14 Em “*Escritas, escritoras e escrituras*”, Norma Telles aponta Maria Firmina dos Reis como a primeira mulher a escrever um romance no Brasil. Ver *História das mulheres no Brasil*. Org. Mary del Priore. São Paulo: Contexto, 1997.
- 15 A partir de 2020, as obras da escritora Carolina Maria de Jesus foram relançadas pela Companhia das Letras.

- 16 Segundo o poeta negro-brasileiro Davi Nunes (2018), banzo é uma palavra que, segundo Nei Lopes, no *Novo Dicionário Banto no Brasil*, tem origem na língua QUICONGO, mbanzu: pensamento, lembrança; e no QUIMBUNDO, mbonzo: saudade, paixão, mágoa. Disponível em <https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espirito-negro/>. Acesso em 26 de jan. 2021.
- 17 Realizo um intertexto com o conto Sabela da antologia poética *História de leves enganos e parenças* de autoria de Conceição Evaristo (59-105).
- 18 O princípio da matripotência, da senioridade e da figura central de ãya, que numa tradução mais aproximada encontraríamos o conceito de mãe. ãya, segundo a autora, será o princípio criador, afinal todo humano tem uma ãya, todos nós nascemos de uma ãya.
- 19 Segundo Muniz Sodré (1988, p. 53), os terreiros podem-se dizer de candomblé, “Xangô, pajelança, jurema, catimbó, tambor de mina, umbanda ou qualquer que seja o nome assumido pelos cultos negros”; são territórios em que se assentam um conjunto organizado de representações litúrgicas e práticas rituais.
- 20 Ver narrativa completa em Prandi, Reginaldo. *Mitologias dos orixás*. Companhia das letras, 2001, p.403.
- 21 Nesse mar que foi colocado em nossa direção, as poesias e poetas brasileiras dialogam com outras poetas afro-latinas: Teresa Martínez de Varela, Luz Colombia Zarkanchenko de González, Elisa Posada de Pupo, Bertulia Mina Díaz, Lucrecia Panchano, Nena Cantillo Atuesta, Kenia Martínez Gómez, Mayra Alejandra Sierra Ruiz, Sindy Cardona Cuello, Mary Grueso Romero, Mayra Santos-Febres, Yolanda Arroyo Pizarro, Georgina Herrera, Victoria Santa Cruz, Shirley Campbel Barr, entre outras.

Alves, Miriam. “O Discurso Temerário. I Encontro de Poetas e Ficcionalista Negros Brasileiro.”(org.) *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: Imesp, 1987.

— . “A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência.” *Revista da ABPN*. Vol.1, n. 3 – Nov. 2010 – fev. 2011. pág. 181-189. Disponível em: <https://letrastaquarenses.blogspot.com/2017/10/a-literatura-negra-feminina-no-brasil.html/>.Último acesso em 23 de janeiro 2021.

— . *Momentos de busca*. São Paulo: Edição da autora, 1983.

— . *Estrelas no dedo*. São Paulo: Edição da autora, 1985.

— . “Mahin Amanhã.” *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

— . *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Coleção Repensando África, Volume 7.Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

— . *Finally us / Enfim nós: contemporary Black Brazilian woman writers*. Org. Miriam Alves e Carolyn R. Durham. Colorado: Continent Press, 1995.

Conceição, Sônia Fátima. “Passado Histórico.” *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 2008.

Tietra, Marise. “Avaliação Crítica da Produção Literária dos últimos 10 anos.” I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros (org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*, São Paulo: Imesp, 1987.

Carneiro. Aparecida Sueli. “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.” Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Último acesso em 20 de fevereiro 2021.

Fonseca, Maria Nazareth Soares. “Vozes femininas em afrodições poéticas Brasil e África portuguesa”. MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. *A mulher escritora em África e América Latina*. Lisboa: NUM, 1999. p. 173-185.

— . “Poesia afro-brasileira – vertentes e feições”. Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/160-maria-nazareth-soares-fonseca-poesia-afro-brasileira-vertentes-e-feicoes/>. Último acesso em 16 de jan. 2021.

- Evaristo, Conceição. "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade." *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- "África: âncora dos navios de nossa memória." *Via Atlântica*, São Paulo, N. 22, 159-166, DEZ/2012.
 - "Vozes-mulheres." *Poemas da recordação e outros movimentos*. Coleção vozes da diáspora negra, vol. 1, p. 10-11. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
 - "Meu Rosário." *Poemas da recordação e outros movimentos*. Coleção vozes da diáspora negra, vol. 1, p-16-17. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
 - "Recordar é preciso." *Poemas da recordação e outros movimentos*. Coleção vozes da diáspora negra, vol. 1, p-10-11. Belo Horizonte: Nandyala, 2008,
 - "Eu-mulher". *Poemas da recordação e outros movimentos*. Coleção vozes da diáspora negra, vol. 1, p-18. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- Grosfoguel, Ramón. "Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global." *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.
- "A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI." *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril*, 2016.
- Hooks, Bell. "Intelectuais negras." *Revista de Estudos feministas*, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez, 1995.
- Sales, Cristian Souza de. "Poesia feminina afrobrasileira: outras formas de escrita do Corpo Negro." *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012, p.1-15.
- "Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miram Alves." (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.
 - "Das águas iyá Oxum: saberes ancestrais femininos em poesias negras diaspóricas". *Revista Calundu –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020*.
 - "Escritoras negras diaspóricas: saberes ancestrais femininos em poética das águas". *Revista de Ciências Humanas CAETÉ*. 2020. V2. N°3, p. 1-20.

- . “Assentamentos de resistência: intelectuais negras do Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas”. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Salvador: UFBA, 2020.
 - . “Da persistência de um esquecimento”. Disponível em <https://correionago.com.br/da-persistencia-de-um-esquecimento-a-resistencia-de-nossa-escrita/> Último acesso em 21 de jan. 2021
- Santos, Boaventura S. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- Santos, Boaventura; Meneses, Paula (orgs.). 1. ed. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- Souza, Florentina da Silva. “Vozes Femininas do Atlântico negro”. *Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. Org. Rita Chaves e Tânia Macedo. São Paulo: Alameda, 2006.
- . *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
 - . “Mulheres negras escritoras”. *Revista Crioula*, (20), 2017, 19-39.
- Souza, Livia Maria Natália de. *Água Negra e outras águas*. Salvador: Caracurê, 2016.
- . “Ori”. *Água negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011, p-29.
 - . *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum’s Toques Negros, 2015.
 - . “Memória”. *Sobejos do Mar*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017.
- Sondré, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; 2002.
- Maldonado-Torres, Nelson. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.
- . “A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2008, 71-114.

- Mignolo, Walter. "Un Paradigma Outro: colonialidad global pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico". In: MIGNOLO. *Historias locales/ diseños globales: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Traducción al español: Ediciones Akal, 2003.
- . "El pensamiento decolonial: desprendimiento e apertura". In: CASTROGÓMEZ, Santiago, GROSGUÉL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, pp. 25-46.
- Oliveira, Eduardo D. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2007.
- . *Ancestralidade na Encruzilhada*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007a.
- Quijano, Aníbal. "Colonialidade do poder e classificação social". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENeses, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-130.
- . "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In: LANDER, Edgard (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires. Colección Sur, 2005a, pp.118-142.
- Ribeiro, Esmeralda. "Esmeralda Ribeiro". *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica, volume 4, história, teoria e polêmica*. Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Fonseca (Orgs.). Belo Horizonte: UFMG, p. 86-93.
- . "Ressurgir das cinzas". Esmeralda Ribeiro & Marcio Barbosa (Orgs.). *Cadernos Negros: melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 2004.
- . "A Escritora negra e o seu ato de escrever participando. I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros". (org.). *Criação Crioula, Nu Elefante Branco*. São Paulo: Imesp, 1987.p.59-65.
- . *Cadernos Negros: os melhores poemas*. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.